

A TRAJETÓRIA DA OBRA MACHADIANA E SUAS ADAPTAÇÕES

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima (UERJ; LABEC/UFF)
fpatueli@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa pretende demonstrar sob aspectos gerais, como se deu a transmissão literária da obra machadiana, desde a segunda metade do século XIX, contemplando diferentes mídias: o periódico, o livro, o filme, a história em quadrinhos. Esses diferentes meios de comunicação a que são vinculados os textos do autor, não só conquistam diferentes públicos leitores, bem como se tornam eles mesmos objetos de novas leituras. Mas, para tal, evidenciaremos algumas rotinas editoriais das obras machadianas, incluindo a divulgação e as suas reedições. Assim, devido à temática, também discorreremos sobre as atividades de tradução realizada pelo autor. Metodologicamente, esse texto se desenvolveu sob a orientação das leituras teóricas e, sobretudo, por meio de pesquisa às fontes primárias.

Palavras-chave:

Machado de Assis. Periódico. Livro. Filme. História em quadrinhos.

1. *Considerações iniciais*

A transmissão da obra machadiana iniciou em 1854, a partir da publicação de um soneto no *Periódico dos Pobres*.³

³ A indicação da publicação do referido soneto neste jornal foi realizada por Andrey de Amaral (2008, p. 49).

Esses versos machadianos foram publicados na página 4 do referido jornal, em 3 de outubro de 1854⁴. (Veja **Fig. 1**)

A partir desta inauguração modesta, o autor passaria a publicar frequentemente o seu legado nos jornais e nas revistas da época; produzindo poemas e prosas, bem como críticas de teatro e de literatura, seja como colunista ou como censor do Conservatório Dramático Brasileiro.⁵

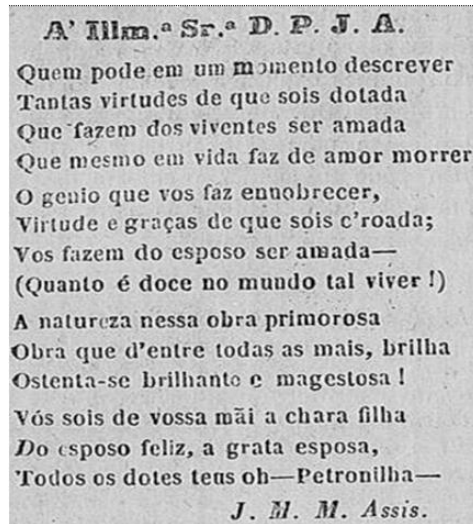


Fig. 1 - 1º Soneto de Machado de Assis

A rotineira produção do autor na imprensa é um demonstrativo da efervescência cultural vivenciada naquele período, por meio da qual suas obras foram veiculadas quase que

⁴ Este periódico iniciou sua publicação em 15 de abril de 1850 e terminou em 30 de dezembro de 1871, cujo proprietário foi o empresário A. M. Morando. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709697&pesq=>>>. Acesso em: 27-01-2017.

⁵ Machado de Assis passa a participar da nova estrutura do Conservatório em 10 de janeiro de 1871, pelo Decreto nº 4666. (Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, vol. II, p. 100)

integralmente em folhetins, entre as quais muitas ganharam nova versão em volume.

Daí, às formas adaptadas da obra machadiana em histórias em quadrinhos e em filme foi um longo caminho, iniciado a partir de 1939 com a produção de *Um Apólogo*, dirigido por Humberto Mauro:⁶



Fig. 2 - Filme *Um Apólogo*

Portanto, podemos dizer que a obra machadiana durante o século XIX e XX foi massivamente veiculada na forma impressa, seja através de periódico ou livro.

O processo editorial do século XIX, frequentemente, seguia a trajetória do periódico para o livro. As obras literárias eram impressas primeiramente em folhetim, acompanhadas, quase que concomitantemente, de suas impressões em livros. Este fato pode ser constatado desde a primeira impressão de folhetim em periódico brasileiro, qual seja, *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas,⁷ publicado no *Jornal do Commercio*, de

⁶ Filme *Um Apólogo* (tempo da ilustração 11:35). Disponível em: <<https://youtu.be/EKyAUONaLA>>. Acesso em: 25-01-2017. Trata-se da cena na qual a linha afixada ao vestido, conclui que ela é quem irá ao baile com a Baronesa.

⁷ Marlyse Meyer indica *O Capitão Paulo* como o primeiro folhetim impresso em periódico brasileiro (1996, p. 282).

31 de outubro a 27 de novembro de 1838, na seção “Variedade”⁸, traduzido por J. C. Muzzi. Tal volume foi vendido posteriormente em livro, conforme o seguinte reclame, sobre o qual podemos notar também o curto período de tempo entre suas respectivas edições:

Saíram à luz e acham-se à venda em casa de J. Villeneuve e Comp., rua do Ouvidor n. 65, às seguintes novelas:

O CAPITÃO PAULO,

POR ALEXANDRE DUMAS;

seguido de um epílogo que não foi publicado pelo *Jornal do Commercio*, uma brochura de mais de 180 páginas de impressão. Preço 1\$ rs. (*JORNAL DO COMMERCIO*, 05 dez. 1838, p. 3)

No caso do volume de contos *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis, a venda do livro já estava sendo divulgada, antes mesmo da publicação de sete dos doze contos, que ainda seriam veiculados na imprensa, conforme o aviso de publicação do compêndio:

Este ano vamos ter um movimento literário como talvez ainda não tenhamos tido.

Machado de Assis publicará com o título de *Papéis avulsos* uma série de contos mimosos e páginas humorísticas (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 11 abr. 1882, p. 1, grifo do autor).⁹

Visto que ainda seriam publicados na *Gazeta de Notícias* os seguintes contos que também fariam parte deste volume: “O Segredo do Bonzo” (30 abr. 1882), “O Empréstimo”

⁸Capítulo I. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_02>. Acesso em: 21-01-2017. Somente, a partir de janeiro de 1839, a referida seção passa a ser nomeada por este jornal como “Folhetim”, conforme pesquisa realizada no próprio jornal.

⁹ Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=>>. Acesso em: 25-01-2017.

(30 jul. 1882), “O Anel de Polícrates” (02 jul. 1882), “A Sereníssima República” (22 ago. 1882), “O Espelho” (08 set. 1882), “Verba Testamentária” (08 out. 1882); e em *A Estação*, “D. Benedicta” (15 abr.-15 jun. 1882).

Consecutivamente, vale destacar que as impressões em livro das publicações em jornais e revistas de Machado de Assis, puderam contar com a sua intervenção autoral, desde a escolha do material que iriam lhes compor, assim como a realização de correções e modificações de seus textos. Tal como nos lembra Raimundo Magalhães Júnior, em *Vida e Obra de Machado de Assis: Ascensão* (1981, vol. II, p. 138), acerca da crítica realizada ao volume *Histórias da Meia-Noite*, da qual recortamos o seguinte trecho:¹⁰

O Sr. Machado de Assis não tem muito pendor para os trabalhos de longo fôlego; tem sempre uma inspiração nova; de cada vez sai um conto em meia dúzia de páginas, em que atravessa um dos mais perfeitos crisóis que existe; só depois desta última prova é que o público os recebe, e ainda assim faz o poeta uma seleção apuradíssima; a percorrermos o mimoso volume que temos em mão lembramo-nos do que praticavam os árabes, na feira de Ocaelh, onde se reuniam os poetas e literatos daquele povo antes de Maomé: ali cada tribo apresentava o seu melhor poeta e de tudo quanto se recitava, tiravam-se as poesias melhores e com letras de outro eram escritas nas portas de Caaba.

Machado de Assis dá ao público o que de melhor há em suas excelestes composições [...] (*A REFORMA*, 18 nov. 1891, p. 2)

A rapidez das publicações editoriais embaralhava as publicações de periódicos e do livro nesta época, como por exemplo, o caso de *A Mão e a Luva*, no qual o folhetim saiu com o mesmo arranjo tipográfico do livro, economizando tempo e rasuras ao texto:

¹⁰ Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=226440&PagFis=4434&Pesq=>>. Acesso em: 26-01-2017.

A *Mão e a Luva* começou a sair nos rodapés de *O Globo*, jornal dirigido por Quintino Bocaiúva, na edição de 26 de setembro, terminando na de 3 de novembro. Mas só saíram, nesse espaço de tempo, 20 folhetins. Houve várias falhas, ou porque tivesse o jornal compromissos com outros colaboradores, ou porque o folhetinista não conseguisse terminar a tempo os capítulos. Os folhetins saíram em colunas largas, em letras bem maiores que as do corpo do jornal, de modo que a composição depois pudesse ser aproveitada para a tiragem em volume à venda em dezembro [...]. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, vol. II, p. 159)



Fig. 3 - Conto "Na Arca"

Mas, as publicações em periódico e em livro, nem sempre se correspondem efetivamente, tendo em vista que podem conter lapsos editoriais e modificações autorais. Isto se agrava, principalmente, quando o tempo transcorrido entre tais publicações for significativo. Por exemplo, as edições do conto “Na Arca”, publicadas em *O Cruzeiro* (14 maio 1878) e *Papéis Avulsos* (1882), apresentam divergência de cinco parágrafos iniciais, que não foram aproveitados na versão em livro, como se pode ver na **Fig. 3**.

Outra situação possível, inerente às publicações em livro, são os elementos pré e pós-textuais, que dão harmonia ao conjunto de textos ali reeditados. Isto porque ampliam o assunto de um ou mais textos, sem comprometer a trama ficcional em si.

Neste caso, o autor de *Papéis Avulsos* acrescentou algumas notas aos contos recolhidos; incluindo o posfácio “NOTAS” à edição do conto “O Segredo do Bonzo”, cuja nota de final do livro explica o subtítulo “CAPÍTULO INÉDITO DE FERNÃO MENDES PINTO”, que na edição da *Gazeta de Notícias*, publicada em 30 de abril de 1882, era o próprio título do conto:

NOTA C

O SEGREDO DO BONZO (pág. 179)¹¹

Como se terá visto, não há aqui um simples pastiche, nem esta imitação foi feita com o fim de provar forças, trabalho que, se fosse só isso teria bem pouco valor. Era me preciso, para dar a possível realidade á invenção, colocá-la a distância grande, no espaço e no tempo; e para tornar a narração sincera, nada me apareceu melhor do que atribuí-la ao viajante escritor que tantas maravilhas disse. Para os curiosos acrescentarei que as palavras: Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fucheo –, fo-

¹¹ Página inicial do conto na edição em livro de *Papéis Avulsos* de 1882. Em todas as citações deste volume de contos foi atualizada a ortografia, quando necessário.

ram escritas com o fim de supor o capítulo intercalado nas Peregrinações, entre os caps. CCXIII e CCXIV.

O bonzo do meu escrito chama-se Pomada, e pomadistas¹² os seus sectários. Pomada e pomadistas são locuções familiares da nossa terra: é o nome local do charlatão e do charlatanismo. (ASSIS, 1882, p. 294-295)

Diante do exposto, podemos concluir que o processo de reelaboração autoral das obras de Machado de Assis era frequente, tal como acontece com o conto “Verba Testamentária”, publicada na *Gazeta de Notícias* (08 out. 1882), um mês antes da publicação no volume *Papéis Avulsos*:

– Todas as manhãs, continuou ele, receberá o Nicolau um jornal que vou mandar imprimir com o único fim de lhe dizer as cousas mais agradáveis do mundo, e dizê-las nominalmente, recordando os seus modestos, mas profícuos trabalhos da Constituinte, e atribuindo-lhe, *muitas aventuras namoradas*, agudezas de espírito, rasgos de coragem. (ASSIS, 1882, p. 284)

Neste exemplo, o trecho destacado na citação acima substituiu “*em folhetim semanal*”, que fazia remissão à própria mídia no qual o conto estava sendo publicado.

Além disso, houve a atualização do nome de um personagem, que era um vendedor de caixões, chamado de “Crispim Soares” no folhetim, para “Joaquim Soares” na edição em livro; a fim de não coincidir com outro personagem do conto “O Alienista”, que também compõe *Papéis Avulsos*, o boticário da Vila de Itaguaí, cujo nome foi mantido como “Crispim Soares”.

Esclarecidas essas particularidades referentes ao estabelecimento e à transmissão do texto machadiano; então, identi-

¹² Tais termos foram empregados tal como nos descreve Machado de Assis, nas publicações de 1882 a 1883 da *Gazeta de Notícias*, mas, no ano de 1881, também encontra tal referência à nomeação de grupos diversos, incluindo, de carnavalescos, tendo em vista a pesquisa realizada no jornal nesse período.

ficaremos outros elementos que possam respaldar as suas adaptações contemporâneas.

Os cinematógrafos já faziam parte dos salões de entretenimento carioca desde 1896, muito embora Machado de Assis não tenha experienciado tal novidade, provavelmente, por causa das recorrentes licenças médicas por causa de problemas que acometiam suas vistas, conforme é descrito por Raimundo Magalhães Júnior, em *Machado de Assis, Funcionário Público: no Império e na República*. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p. 29-33)

Mas, no decorrer da sua vida jornalística, Machado, além de autor, foi crítico de teatro, de literatura, e amante da música; fato que nos demonstra a sua afeição pelas artes em geral, por isso poderíamos dizer que a cinematografia seria igualmente acolhida pelo autor.

Isto porque Machado não era contra as adaptações, ele mesmo já teria empregado tal recurso em outras obras para o teatro e a música. Por exemplo, uma de tais adaptações teatrais deu origem à peça “Como Elas são Todas”, baseada no texto do dramaturgo francês Alfred de Musset. Tal peça teria sido representada em 29 de julho de 1869, no Teatro Ginásio:

Na obra teatral só existe uma peça em um ato com três personagens, um masculino e dois femininos, tal como a que foi levada à cena no Ginásio: *Um Caprice*. Mas a adaptação de Machado deve ter sido extremamente livre. [...] das duas mulheres, ambas francesas no texto de Musset, ele fez uma princesa russa e uma latino-americana. [...]. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. II, p. 49)

Há pelo menos duas adaptações para a música, realizadas para o compositor Arthur Napoleão:¹³ a primeira, em

¹³ O português compositor e pianista Arthur Napoleão (1843-1925) se apresentou nos palcos europeus e americanos, fixando-se no Brasil a partir de 1868, tornando-se além de músico, negociante no campo das artes, segundo Alexandre Raicevich de Medeiros, em “Memórias de Arthur Napoleão” (2010, p. 1).

1869, “A Lua da Estiva Noite”, uma adaptação de poesia inglesa; a segunda, em 1876, em que Machado traduziu para o francês um poema de Luís Guimarães Júnior, que foi musicado pela jovem compositora Luísa Leonardo¹⁴, conforme Magalhães Júnior (1981, vol. II). Observando que a “letra francesa de Machado de Assis é mais uma adaptação do que mesmo uma tradução, embora aproveitando na segunda oitava alguns versos originais”. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, vol. II, p. 203)

Desde o início da sua carreira de escritor, Machado de Assis não só realizou traduções para música e teatro, como também de outras obras literárias que seriam impressas nos folhetins brasileiros, sobre as quais não lhe escaparam a criatividade, visto a “tradução do romance de Dickens, cujo prenome foi aporuguesado para Carlos e cujo livro foi convertido em *Oliveiro Twist*, começou a ser publicado no *Jornal da Tarde* a 23 de abril [de 1870]”. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, vol. II, p. 82 e 86)

Machado por meio da irreverência tanto na crítica ou como autor de obras literárias, buscava uma composição literária emancipada, sobre o qual podemos depreender do seu texto sobre “O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura”, publicado em *A Marmota*, em 9 e 23 de abril de 1858:

Mas após o *Fiat* político, devia vir o *Fiat* literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? É mais fácil regenerar uma nação que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se cega em um só momento a um resultado. (MAGALHÃES JÚNIOR, *apud* SANCHES NETO, 2008, p. 31)

¹⁴ Luísa Leonardo era compositora e pianista. Filha do professor de Música Vitorino José Leonardo, foi iniciada na música desde os seus 8 anos. Ela nasceu no Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1859, e foi afilhada de D. Pedro II. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, vol. II, p. 201)

Com a maturidade, Machado assumiria cada vez mais um tom galhofeiro, que também foi incorporada às críticas realizadas “às avessas”, nas quais elogiava obras que verdadeiramente não mereciam nenhuma congratulação, seja quanto à história ou à forma, segundo Magalhães Júnior (1981, vol. II, p. 55-72).

Consoante com as obras literárias que eram parodiadas, tal como a tradução de Dante realizada para a *Semana Ilustrada*, sobre o qual Jaison Luís Crestani analisa, em *Machado de Assis e o Processo de Criação Literária: estudo comparativo das narrativas publicadas n’A Estação* (1879- 1884), na *Gazeta de Notícias* (1881-1884) e nas coletâneas *Papéis avulsos* (1882) e *Histórias sem data* (1884):

[...] o narrador machadiano filia-se a uma tradição literária amparada na prática da paródia como meio de renovação artística, e converte o texto do autor italiano em alvo do próprio procedimento que orienta a sua elaboração: a emulação. Desse modo, o narrador machadiano reivindica o intertexto com a *Divina Comédia*, imita a sua desenvoltura paródica, rivaliza com as suas soluções artísticas e, num tom desabusado, proclama a superação de seu efeito poético, demonstrando ter logrado um arranjo mais dantesco que a obra do próprio Dante (2011, p. 335).

Assim, vale lembrar também da paródia realizada com *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, que foi publicada na *Gazeta de Notícias*, em 5 de setembro de 1884¹⁵ (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, vol. II, p. 157):

Um ex-deputado, prestes a embarcar, confiou-me agora mesmo a *Canção do exílio* que ele pretende soltar aos ventos, logo que ponha pé nas províncias. [...] Em geral, estamos habituados a ver a nota lírica aplicada aos sentimentos de ordem doméstica e individual, não política. É um erro; e o nosso ex-

¹⁵ Nesta edição de Magalhães Júnior (1981, v. II, p. 157), estava indicado erroneamente ano de “1883”.

deputado o demonstra com um vigor que espero será imitado por outros engenhos. Julgue o leitor por si mesmo:¹⁶

Sem esquecer que também fez parte da transmissão da obra machadiana, algumas declamações de seus poemas no tablado, tal como ocorreu após a representação da peça *a Morgadinha de Val-Flor*, no Teatro São Luís, em 23 de fevereiro de 1870, na presença do Imperador, que posteriormente foi publicado no *Jornal do Commercio*,¹⁷ segundo Magalhães Júnior (1981, vol. II, p. 77).

— Minha terra tem cadeiras, Onde a gente a gosto está, Os homens que aqui palestram, Não palestram como lá. — Em descansar estes ossos Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem cadeiras, Onde a gente a gosto está. — Minha terra tem primores, Que taes não encontro eu cá; Em descansar estes ossos, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem cadeiras, Onde a gente a gosto está. — E depois a força immensa Do voto que a gente dá, E faz andar o governo Cai aqui, cai acolá! — Assisti a muita crise... Quem sobe? quem subirá? E' Saraiva ou Lafayette? Dantas ou Paranguá? —	— Viinha, emfim, o ministerio, Casaca ou farda, o crachá; Muita gente nas tribunas, Muito rosto de sinhá... Não era esta triste vida, Vida de cacaracá — Se ás vezes gastavam tempo Com algum tamandá, A gente dava uma volta, Deixava uns cinco por lá, E corria á boa vida Que se não encontra cá. — Terra minha tão bonita, Em que as taes cadeiras há Cadeiras amplas e feitas Todas de jacarandá, Deus lhe dê o que merere, E o que inda merecerá. — Nem permita Deus que eu morra Sem que volte para lá, Sem que inda veja os primores Que não encontro por cá. E me sente nas cadeiras, Onde a gente a gosto está. LEITO.
--	--

¹⁶ A paródia foi publicada em coluna única no sentido vertical, na seção “Bala de Estalo” (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 5 set. 1884, p. 2); observa-se que para não interferir na diagramação da Tese, a imagem da *Canção do Exílio* parodiada foi posta lado a lado, não alterando a sequência das estrofes. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=>. Acesso em: 26-01-2017.

¹⁷ O poema declamado (“Daqui, deste âmbito estreito...”) foi publicado na seção “Publicações a Pedido” do *Jornal do Commercio*, em 26 de fevereiro de 1870 (p. 1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_06&pasta=ano%20187&pesq=>. Acesso em: 25-01-2017.

Nessas condições, hipoteticamente, podemos inferir que Machado de Assis, mesmo que não aprovasse uma ou outra adaptação de sua obra para o cinema ou histórias em quadrinhos, não desabonaria o esforço de expressá-la em diferentes formas artísticas, entendendo a profusão entre as mídias culturais.

Sem embargo, a filmografia machadiana iniciou a partir de *Um Apólogo* (HUMBERTO MAURO, 1939). Esta produção buscou representar de forma fidedigna a obra do autor, tal como expressa a estética cinematográfica clássica. O que não desprestigia a adaptação, posto que as características audiovisuais do cinema pressupõem uma narrativa em particular, para Gilles Deleuze, em *Imagem-tempo*:

[...] a narração não passa de uma consequência das próprias imagens aparentes e de suas combinações diretas, jamais sendo um dado. A narração dita clássica resulta diretamente da composição orgânica das imagens-movimento (montagem), ou da especificação delas em imagens-percepção, imagens-afecção, imagens-ação, conforme as leis de um esquema sensorio-motor. (DELEUZE, 2005, p. 39)

Enquanto, que a narrativa cinematográfica moderna é resultado das composições: "A narração nunca é um dado aparente das imagens, ou o efeito de uma estrutura que as sustenta; é consequência das próprias imagens aparentes, das imagens sensíveis enquanto tais, como primeiro se definem por si mesmas". (DELEUZE, 2005, p. 39)

Acerca dessa estética, comum ao filme moderno, podemos apontar como exemplo a adaptação do conto machadiano "Pai contra Mãe", *Quanto Vale ou é por Quilo?* (SÉRGIO BIANCHI, 2004). Desta adaptação, recortamos a parte que trata sobre os instrumentos de tortura, tal como está no texto do conto; mesmo que na narrativa cinematográfica se transmita ao espectador a sensação de um passeio virtual a um museu, onde os escravos torturados se tornam genuínas peças de contemplação:



Fig. 4 - Filme *Quanto Vale ou é por Quilo?*¹⁸

A história em quadrinhos passou a incorporar em seus fascículos adaptações da obra machadiana, precisamente, a partir de 2002, entre os quais poderíamos classificar aquelas que são ou não voltados para o público escolar. Por exemplo, os quadrinhos publicados pela editora Escala Educacional possuem esse perfil comercial voltado para o ambiente escolar, que adaptou para este gênero os seguintes textos de Machado: “O Alienista”, “A Cartomante”, “A Causa Secreta”, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, “Uns Braços”, e “O Enfermeiro”.

Destas edições, reproduziram-se outros quadrinhos, o que pode indicar aceitação das adaptações pelo público leitor e, com isso, a sedimentação progressiva desta forma de representar as obras machadianas, em particular.

Assim, foram adaptados mais de uma vez para a linguagem dos quadrinhos os seguintes textos célebres: “O Alienista”, “O Enfermeiro”, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*.

No caso da adaptação de “O Alienista”, há uma diferença estética notada nas capas da edição da Escala Educacional

¹⁸ Esta ilustração (00:06:06) apenas passa a ideia, mas não consegue transmitir na sua integralidade a experiência da qual nos referimos na narrativa fílmica. Disponível em: <<https://youtu.be/ZHme5hHEY84>>. Acesso em: 28-01-2017.

(à esquerda) e da Editora Ática (à direita), cuja publicação foi produzida em homenagem ao autor no ano do centenário da sua morte:



Fig. 5 - HQ do conto "O Alienista"
(Ed. Escala Educacional, 2006)

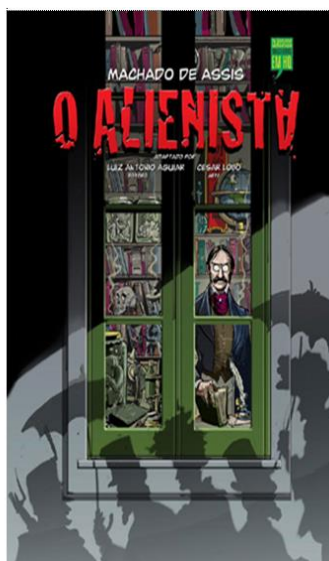


Fig. 6 - HQ do conto "O Alienista"
(Ed. Ática, 2008)

Das adaptações, cujo estilo foge ao mencionado, são aquelas que recuperam os traços dos quadrinhos desenvolvidos para os super-heróis e o estilo mangá, ou seja, tais produções estão mais direcionadas para um público ambientado à estética quadrinhística, e não necessariamente para o público machadiano. Um exemplo deste tipo de edição é a adaptação para mangá do romance *Helena*, tornando-se a primeira adaptação

da obra machadiana representada por este tipo de estética para os leitores brasileiros:¹⁹

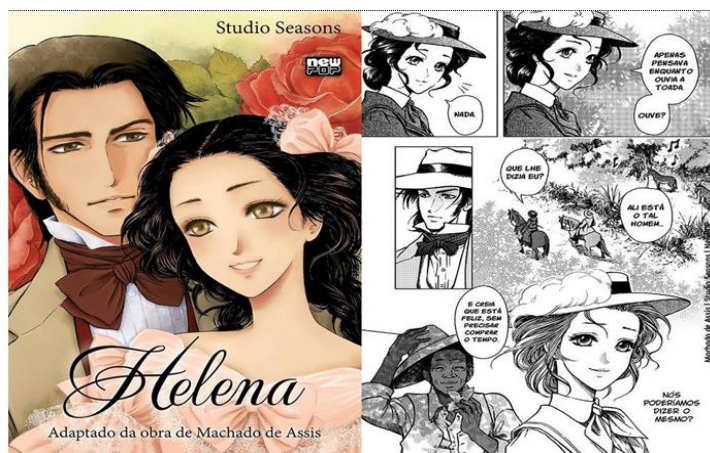


Fig. 8 - Primeiro mangá da obra machadiana (*Helena*)¶

Vale relembrar que a adaptação da obra machadiana em histórias em quadrinhos se propagou, sobretudo, a partir do ano de 2008, centenário da morte do autor, cuja data emblemática contribuiu para o aumento das reproduções de suas obras; incluindo a primeira adaptação cinematográfica do conto “O Espelho”,²⁰ que também foi realizada neste período.

A partir do exposto por meio de um panorama geral formulado por esta pesquisa, pudemos verificar a trajetória da obra machadiana ao longo do tempo, bem como alguns aspectos referentes à adaptação para o autor e de suas obras.

¹⁹ Editado pela NewPOP em 2014, Roteiro de Montserrat, e Arte de Simone Beatriz. Imagem disponível em: <http://www.studio.seasons.nom.br/trabalhos.htm>. Acesso em: 26-01-2017.

²⁰ Há outra adaptação deste conto, produzido em 2015, dirigida por Rodrigo Lima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A *REFORMA*, Rio de Janeiro: Tipografia da Reforma, 1891.
Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=226440&PagFis=4434&Pesq>.

AMARAL, Andrey. *O máximo e as máximas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombarters & C., 1882.

_____. *A cartomante*. Contos de Machado de Assis. Roteiro, desenhos e arte final de Jo Fevereiro. Cores de Jo e Çiça Sperl. São Paulo: Escala Educacional, 2006. (Série Literatura Brasileira em Quadrinhos)

_____. *A causa secreta*. Contos de Machado de Assis. Roteiro e desenhos de Francisco S. Vilachã. Cores de Fernando A. Rodrigues. São Paulo: Escala Educacional, 2006. (Série Literatura Brasileira em Quadrinhos)

_____. *A mão e a luva*: em quadrinhos. Adaptação por Alex Mir. Ilustração de Alex Genaro. São Paulo: Peirópolis, [20-?] (Clássicos em HQ)

_____. *Conto de escola*: em quadrinhos. Adaptado por Silvino. São Paulo: Peirópolis, 2010. (Clássicos em HQ)

_____. *Helena*. Adaptação de Montserrat. Arte de Simone Beatriz. []: NewPOP, 2014.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Roteiro e ilustrações de Sebastião Seabra. São Paulo: Escala Educacional, 2008. (Série Literatura Brasileira em Quadrinhos)

_____. *O alienista*. Adaptação de Luiz Antonio Aguiar. Arte de Cesar Lobo. São Paulo: Ática, 2008.

_____. *O alienista*. Contos de Machado de Assis. Roteiro e desenhos de Francisco S. Vilachã. Cores de Fernando A. Rodrigues. São Paulo: Escala Educacional, 2006. (Série Literatura Brasileira em Quadrinhos)

_____. *O enfermeiro*. Contos de Machado de Assis. Roteiro e desenhos de Francisco S. Vilachã. Cores de Fernando A. Rodrigues. São Paulo: Escala Educacional, 2010. (Série Literatura Brasileira em Quadrinhos)

_____. Pai contra Mãe. In: CAVALCANTE, Djalma (Org.) *Contos em quadros*: 1. Adaptado por Célio Lima e desenhos de J. Rodrigues. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2002, p. 5-27.

_____. *Papeis avulsos*. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, 1920.

_____. *Papéis avulsos*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1937.

_____. *Uns braços*. Contos de Machado de Assis. Roteiro e desenhos de Francisco S. Vilachã. Cores de Fernando A. Rodrigues. São Paulo: Escala Educacional, [2010?]. (Série Literatura Brasileira em Quadrinhos)

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis e o processo de criação literária: estudo comparativo das narrativas publicadas n' A Estação (1879- 1884), na Gazeta de Notícias (1881-1884) e nas coletâneas Papéis avulsos (1882) e Histórias sem data (1884)*. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis (SP). Disponível em:

<<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103629/000650604.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20-01-2017.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. Trad.: Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Cinema 2)

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1880-1884. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=10373002&pasta=ano%20188&pesq=>>.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. “Um apólogo— Machado de Assis”— do escritor singular ao brasileiro exemplar. In: *Machado de Assis Linha*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 90-101, dez. 2011. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/mael/v4n8/a07v4n8.pdf>>. Acesso em: 10-03-2016.

JEOSAFÁ. *O espelho de Machado de Assis em HQ*. Adaptado por Jeosafá. Roteiro e desenhos de João Pinheiro. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2012. (Clássicos Realistas HQ)

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro: 1827-1838,1870-1900. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568>>.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis, funcionário público: no Império e na República*. Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas, 1958.

_____. *Vida e obra de Machado de Assis: ascensão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981, 2 vol.

MEDEIROS, Alexandre Raicevich. Memórias de Arthur Napoleão. In: Encontro Regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio (XIV), 19-23 de julho 2010 p. 1-11. Disponível em:

<http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276017543_ARQUIVO_TEXTOANPUH.pdf>. Acesso em: 20-01-2017.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro: G. Vianna & C., 1878. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=238562&pasta=ano%20187&pesq=>>.

O ESPELHO. Direção de Becca Lopes. Rio de Janeiro: Wandemberg Becca Lopes (produtor independente). Rudolfo Hochwart Filmes, 2008. Gravação em vídeo (32:12 min.). Disponível em: <<https://youtu.be/a7VWPHzu5IE>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

O ESPELHO. Direção de Rodrigo Lima. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2015. (Projeto Tela Brilhadora)

PERIÓDICO DOS POBRES, Rio de Janeiro: Tipografia da Rua dos Ourives nº 21, 15 abr. 1850 - 30 dez. 1871. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709697&pesq=>>>.

QUANTO VALE ou é por quilo? Direção de Sérgio Bianchi. São Paulo: Agravo Produções Cinematográficas S/C Ltda, 2004. Son., color., 35 mm. Disponível em: <<https://youtu.be/ZHme5hHEY84>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

SANCHES NETO, Miguel (Org.). *O ideal do crítico*: Machado de Assis. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

UM APÓLOGO. Direção de Humberto Mauro. Distrito Federal: INCE, 1939. Disponível em: <<https://youtu.be/-EKyAU0NaLA>>. Acesso em: 25 jan. 2017.